



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Polifonia da Educação Ambiental Libertária

Diógenes Valdanha Neto¹
Doris Accioly e Silva²

Resumo: O campo da educação ambiental está em expansão e conta com diversas propostas de categorização das correntes teóricas e práticas de modo a auxiliar uma melhor compreensão do que vem sendo constituído. Dentre essas categorias há a de educação ambiental libertária. O artigo parte da compreensão de que a qualificação “libertário(a)” é baseada no princípio anarquista, mesmo que por vezes contenha uma abrangência maior. É realizado um resgate de princípios filosóficos e pedagógicos anarquistas, colocando-os em conexão com a concepção de natureza como inseparável da cultura. Apresenta-se uma revisão bibliográfica sistematizada sobre a produção científica da educação ambiental nacional em associação ao embasamento anarquista/libertário. É constatado que muito pouco é produzido nesse escopo no Brasil. Múltiplas vozes são ouvidas no sentido de apontar caminhos para a configuração de possibilidades de fortalecimento da educação ambiental libertária como prática cultural e educacional.

Palavras-chave: Anarquismo. Natureza. Educação.

Polyphony of the Libertarian Environmental Education

Abstract: The field of environmental education is expanding and has several categorization proposals of theoretical and practical currents in order to assist a better understanding of what is being made. Among these categories there is the libertarian environmental education. The article begins with the understanding that the qualification "libertarian" is based on the anarchist principle, even if it sometimes contains a larger scope. It is carried out a summary retrospect on the philosophical and pedagogical anarchist principles, placing them in connection with the conception of nature as inseparable from culture. A systematic review of the scientific production of national environmental education in association with the anarchist/libertarian basis is presented. It is found that very little is produced in this scope in Brazil. Multiple voices are heard in order to point out ways for strengthening of the libertarian environmental education as a cultural and educational practice.

Keywords: Anarchism. Nature. Education.

¹ Biólogo, Mestre em Educação Escolar, doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo (USP/FE), docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: diogenesvn@gmail.com

² Doutora em Ciências Sociais e professora do departamento de Administração Escolar e Economia da Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Credenciada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (FE/USP). E-mail: daccioly@usp.br

ABERTURA

Um sentido utilitário, interessado e instrumental da educação chega em nosso tempo ao seu ponto máximo. Observadas com cuidado, todas as vocações alternativas da educação – entre elas a educação para a paz e a educação ambiental – querem ser grito de alerta para uma outra proposta. (Carlos Rodrigues Brandão – A canção das sete cores)

Dentre as múltiplas vozes para uma educação ambiental ampla, que abrange cultura e ecossistema como dimensões inseparáveis, este texto procura ouvir vozes singulares que formam o coral multicolor do pensamento libertário. Abrindo o artigo a tonalidade antropológica e poética de Carlos Rodrigues Brandão (2005, p. 90/91) afina os ouvidos e os olhares para a percepção de outras possibilidades para a educação contemporânea em sua dupla exigência de formar para a paz e para o convívio dialógico dos sujeitos da vida.

Embora originários de matrizes teóricas e concepções políticas variadas, os autores aqui ouvidos estão em sintonia com uma crítica do taylorismo científico e intelectual e suas repercussões no amesquinamento de práticas e valores que limitam os horizontes individuais e sociais ao pragmático, ao mercado, aos ditames das modas e das conveniências de conquista e manutenção do poder.

No amplo espectro dos libertários estão, possivelmente na ponta mais radical à esquerda, os anarquistas. Todavia, aqui o termo libertário é tomado como algo mais amplo que envolve concepções e práticas anarquistas, socialistas cristãs e marxistas libertárias. O interesse em ouvir esses autores é porque eles têm muito a dizer sobre os problemas de hoje. Não importa se trazidas à tona ontem ou há cem anos, o relevante é a sua contribuição para os dilemas atuais. Todos os autores aos quais se recorre nesse texto compõem essa polifonia. Partem de uma crítica ao que está dado para a constituição de novas práticas que possibilitem vislumbrar uma outra sociedade, um outro ser humano, um outro mundo no qual a diferença não seja transformada em desigualdade, onde as alteridades sejam vividas como necessárias e constitutivas da própria vida.

Na convicção de que a filosofia anarquista tem muito a somar na construção de uma educação ambiental libertária, realizou-se uma revisão bibliográfica sistematizada visando verificar em que medida este embasamento teórico-prático vem sendo utilizado no campo da educação ambiental brasileira. Destarte, primeiramente empreendeu-se uma introdução sobre filosofia e educação anarquistas, em pontos importantes para a educação ambiental. Posteriormente apresenta-se a revisão bibliográfica sobre anarquismo e educação ambiental realizada em periódicos nacionais específicos da área, seguida de uma reflexão

sobre as possibilidades de conjugação da educação ambiental e filosofia anarquista. Por fim, as reflexões mais amplas consideradas pertinentes à polifonia que compõe a educação ambiental libertária e suas inspirações e aspirações.

POR QUE PENSAR A EDUCAÇÃO ANARQUISTA?

O campo de estudos, práticas e pesquisas em educação ambiental no Brasil é crescente e está em configuração. Diversos autores (LAYRARGUES; LIMA, 2014; SILVA; CAMPINA, 2011; SAUVÉ, 2005; AMARAL, 2004) têm buscado compreendê-lo melhor e criar categorias que representem a construção desse campo do conhecimento no Brasil e no mundo. Qualificações variadas são atribuídas à educação ambiental em busca de maior precisão em sua representação. Dentre essas qualificações está a de educação ambiental libertária.

No cerne do libertarismo está o movimento anarquista, que é um princípio filosófico que envolve uma compreensão histórica das relações humanas e concepções ontológicas de sociedade, ser humano, e vida. Considera como fundante na história a luta que há entre a liberdade e a coerção, e foi/é dentre os movimentos de esquerda o mais alinhado com a liberdade, sem ser possível a separação, dentro de seu corpo de ideias, entre liberdade individual e coletiva (KROPOTKIN, 2007).

Ao movimento ácrata foi relacionado historicamente a qualificação de “libertário”, devido à essência de sua força motriz na busca da emancipação humana não só na dimensão econômico-social, mas também intelectual e moral. Desta forma, a potência que carrega a adjetivação libertária não pode perder sua essência teórica e política, mesmo que dentro do espectro libertário esteja presente elementos que escapam ao anarquismo senso estrito.

À visão de mundo que permeia o anarquismo não foi permitida existência limitada a ser um campo de ideias, sendo concretizada não como apenas um modo de compreender o mundo, mas sim de vivê-lo. Vivê-lo, essencialmente, como marca Kropotkin (2007) combatendo o que são consideradas as principais causas da corrupção da humanidade: a propriedade individual e a autoridade; ou mesmo, como desenvolve Bookchin (2005), a hierarquia.

Consequentemente, essa força unificadora entre ideia e ação que permeia a existência anarquista ressoou nos movimentos educacionais emersos de dentro dessa noosfera. Conforme argumenta Gallo (2012), não obstante a compreensão de educação pelos anarquistas possuir uma amplitude que ultrapassa os limites escolares, pensando-a

como prática social, é preciso reconhecer a centralidade atribuída à educação escolar pelo anarquismo. A crítica ao sistema educacional e à escola não bastava, era preciso recriá-los.

Da insurgência das ideias surgem também diversas experiências educacionais, desde a segunda metade do século XIX ao início do XX, que marcam até hoje a força e poder libertário da educação anarquista (ACCIOLY e SILVA, 2011). A mais disseminada investida na constituição de uma educação chamada de integral, ao conceber que todos os indivíduos têm igualmente o direito de desenvolverem suas potencialidades, foi a Escola Moderna de Barcelona, criada pelo pedagogo Francisco Ferrer Guardia. A experiência incomodou a tal ponto os detentores de poder da época que levou ao fuzilamento de Ferrer em 1909, oito anos após a inauguração de sua escola, acusado de incitar revoltas populares contemporâneas à existência da Escola Moderna. Dois anos após seu fuzilamento, Ferrer foi considerado inocente das acusações pela justiça espanhola (TRAGTENBERG, 2004).

A educação anarquista almejava fazer as pessoas perceberem que uma outra realidade é possível por meio de uma prática diferenciada, desierarquizada. Uma de suas marcas é a de racionalista, termo que por vezes nomeia também a Escola Moderna/Escola Racionalista – isso porque o ensino anarquista buscava despir o conhecimento das amarras religiosas, com um alto grau de valorização das ciências. Formava na prática um corpo professoral diferenciado, que conseguiria efetivar as bases da pedagogia libertária. Outro princípio educacional de Ferrer foram a coeducação de sexos e classes, ato de extrema subversão à época, que foi conjugado com a abolição de prêmios e castigos visando não estabelecer novas desigualdades entre os estudantes (TRAGTENBERG, 2004).

A breve duração da Escola Moderna de Barcelona não repercutiu em efemeridade de sua força propulsora. Diversas experiências homólogas foram concretizadas em diferentes países, incluindo o Brasil (ACCIOLY e SILVA, 2011). Isso fez com que princípios e metodologias da educação libertária fossem disseminados; todavia, muitos desses princípios e metodologias foram descaracterizados de seu potencial revolucionário ao serem incorporados pelo capitalismo (GALLO, 2012).

A potencialidade libertária da educação anarquista revela-se historicamente, sendo talvez a principal marca deixada pela filosofia anarquista na sociedade, juntamente com a ação direta no sindicalismo (LENOIR, 2014). Em que pese a temática ambiental, é preciso atentar que no momento histórico do desenvolvimento dessas iniciativas educacionais o meio ambiente era concebido e discutido em conjuntura muito distinta da atual, por vezes ainda sem a percepção concreta da sociedade das consequências ambientais que estavam em decorrência do processo civilizatório instaurado.

No entanto, o movimento anarquista desde sua origem e compreensão de natureza tratou do que hoje nomeamos questões ambientais organicamente às lutas pela emancipação humana. Tal qual a célebre obra de Kropotkin (2009), publicada originalmente em 1902, que movimentou forte resistência ao darwinismo social ascendente na época. Ainda, outro exemplo explícito são os escritos de Elisée Reclus (2010, p.04), publicados originalmente na passagem do século XIX para o XX, no qual é questionado o modo de relação da sociedade humana com os outros animais, como segue:

Quando nossa civilização, ferozmente individualista como é, dividindo o mundo em tantos pequenos Estados inimigos hostis quanto há propriedades privadas e casas de família, tiver sofrido sua última falência e tiver que recorrer ao apoio mútuo para a salvação comum, quando a busca pela amizade substituir a do bem-estar que cedo ou tarde será suficientemente assegurado, quando os naturalistas entusiastas nos tiverem revelado tudo que há de charmoso, de amável, de humano, e frequentemente de mais que humano sobre a natureza das criaturas, nos lembraremos de todas essas espécies deixadas para trás no caminho do progresso, e nós tentaremos fazer deles não servos ou máquinas, mas genuínos companheiros.

Partindo dessa construção de ideias do alvorecer do século XX, é possível considerar que os anarquistas foram vanguardistas no âmbito da filosofia ocidental a possuir uma concepção de natureza tão integralmente pensada com o ser humano em sua composição e repensar as ações humanas partindo disso. Com base nesses primeiros pensamentos sobre a questão dos animais, é possível fazer um paralelo com um escritor que hoje, à luz da ciência contemporânea e à luz generosa da arte, fala da trágica história da relação com os animais pautada em uma visão antropocêntrica que nada auxilia a construir uma visão libertária da vida na Terra. John M. Coetzee (2002) caminha na direção do pensamento complexo e é um artista que trata da necessidade de incorporação de todos os sujeitos da vida em um convívio generoso. Faz também a crítica das marcas do pensamento ocidental, do olhar da filosofia e da ciência sobre os animais com olhares extremamente redutores, enquanto que a arte é o olhar abrangente, o olhar que busca habitar os seres, e não descrevê-los.

A estruturação de uma ciência que rompa as esferas da sociedade com o mundo natural e fomenta a ideia de que há uma hierarquia entre seres humanos e natureza na qual a segunda deve ser dominada em função dos desejos dos dominadores humanos não faz parte do pensamento que nutre os diálogos em movimento nas ideias de educação e meio ambiente libertárias. Há que ser repensada as noções de cultura e suas relações com a natureza, devendo haver a consciência das imbricações e interdependências entre cultura e

ecossistema, conforme ilumina Dulce Whitaker (WHITAKER; BEZZON, 2006) em seu belo diálogo com o estudiosos das águas José G. Tundisi.

O conceito de cultura é muito utilizado ao se tratar das relações entre sociedade e natureza. Os autores que iluminarão este conceito a cada pesquisador influenciarão o modo como a questão será abordada. Dentre os cientistas brasileiros que se debruçaram sobre o estudo da cultura, Edgard de Assis Carvalho (2003) é um dos que muito auxilia a um entendimento crítico das questões culturais e ambientais em suas interligações, contribuindo para reflexões muito pertinentes também ao campo educacional, como explicitado em Carvalho (2003, p. 89):

As sociedades humanas e seus epígonos insistem em não reconhecer que irreversibilidade não é sinônimo de continuidade e que evolução não significa linearidade, dado o caráter obsessivo que a linearidade do progresso assumiu nesses tempos modernos. Portadoras de uma tecnosfera comandada por máquinas, robôs e clones, acabaram produzindo uma organização social inautêntica e infeliz, que absolutiza a dominação predatória da natureza, a destruição da ecosfera e amplia o espectro da intolerância econômica, política, étnica, cultural. Por um estranho paradoxo, estabelece-se uma dialética perversa entre o organismo vivo que, para se perpetuar, nutre-se da desordem para avançar em complexidade, e o espectro societário, no qual o sonho demente do tecnocrata, para garantir sua hegemonia, expulsa o conflito e o risco, supondo que, com isso, o indivíduo-sujeito adquira soberania perpétua.

No campo dos teóricos anarquistas, já na segunda metade do século XX, Murray Bookchin é o autor que se tornará referência nas discussões ambientais partindo da visão de mundo anarquista, compondo e fortalecendo as ideias já colocadas no âmbito das discussões libertárias para a construção da chamada Ecologia Social. Em sua principal obra, nomeada “A Ecologia da Liberdade”, Bookchin (2005, p. 76, tradução nossa) destaca que:

[...] O título deste livro, A Ecologia da Liberdade, tem o objetivo de expressar a reconciliação da natureza e da sociedade humana em uma nova sensibilidade e sociedade ecológica – uma rearmarmonização de natureza e humanidade por meio da rearmarmonização do humano com o humano³.

O autor tece críticas sociais e ecológicas, e argumenta que não será possível uma transformação da relação hegemônica da sociedade com a natureza se não houver transformação nas relações entre os seres humanos.

³ The title of this book, The Ecology of Freedom, is meant to express the reconciliation of nature and human society in a new ecological sensibility and a new ecological society – a reharmonization of nature and humanity through a reharmonization of human with humans.

Considerando esse panorama de ideias, este artigo objetiva discutir a inserção da filosofia anarquista no campo da Educação Ambiental brasileira, tecendo considerações sobre o estado presente desse possível matrimônio, e conjecturando cenários futuros.

PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL E ANARQUISMO

Muitos seriam os modos de tratar sobre as aproximações e distanciamentos que vêm ocorrendo entre as ideias libertárias e a Educação Ambiental no Brasil. Este artigo não pretende ser conclusivo e/ou tratar do tema exaustivamente, o que exigiria um programa de pesquisas. Aqui serão realizadas considerações a partir de dados encontrados sobre o anarquismo em estudos publicados nos periódicos brasileiros de maior relevância que estão diretamente associados à configuração do campo da Educação Ambiental nacional, sendo eles, e os períodos considerados de cada um, os seguintes: Revista Ambiente & Educação (1996-2014), Revista Ambiente & Sociedade (1999-2015), Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA) (2004-2015), Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) (2004-2015), e Revista Pesquisa em Educação Ambiental (Revipea) (2006-2015).

Os períodos abordados são desde o início da publicação do periódico até o último número publicado⁴. Assim, apresenta-se uma revisão da literatura com o propósito de sistematização do estado atual de produção, e também proposição de diálogo teórico acerca do tópico em questão. São retratadas breves sínteses dos estudos encontrados e partindo deles para encaminhar a discussão proposta neste artigo (CRESWELL, 2010). Foram realizadas pesquisas nas próprias ferramentas de busca dos periódicos. A partir dessa iniciativa foi evidenciada uma baixa taxa de retorno às buscas realizadas com termos muito proximamente associados à filosofia anarquista. Os termos utilizados foram “anarquismo” e “libertári*”, incluindo então associações com as palavras “libertário” e “libertária”.

A busca pelo termo “anarquismo” nas revistas Ambiente & Educação, Ambiente & Sociedade, RevBEA e REMEA não retornou resultados, já na Revipea retornou um resultado, o artigo de Hilton Japiassu (2006), publicado no primeiro número da revista.

Já a busca pelo termo “libertári*” não retornou resultados nas revistas Ambiente & Educação e Ambiente & Sociedade. Retornou um resultado na RevBEA – o artigo de Freitas (2012) –, e dois resultados na REMEA – os artigos de Araújo e Pasquarelli Júnior (2007), e o de Barchi (2009) –, já na Revipea, foram obtidos nove resultados, os artigos de:

⁴ A revisão foi atualizada pela última vez em 15 de abril de 2016.

Grün (2007), Loureiro (2008), Avanzi, Carvalho e Ferraro Jr (2009), Catalão (2009), Reigota (2010), Higuchi, Zattoni e Bueno (2012), Souza e Araújo-de-Almeida (2013), Castellano e Sorrentino (2015) e Costa e Loureiro (2015).

A leitura na íntegra de todos os artigos foi realizada para possibilitar uma análise de seus conteúdos, já com o olhar direcionado para a busca de elementos da filosofia anarquista nas publicações. Nos termos de Bardin (2009), objetivou-se a compreensão das unidades de contexto nas quais as palavras-chave elencadas (unidades de registro) estivessem contidas.

Hilton Japiassu (2006) realiza, em seu ensaio, uma descrição e análise do que vem sendo chamado na filosofia de “crise da razão ocidental”. No texto, o autor desenvolve eloquentemente reflexões sobre razão, racionalidades, e suas problemáticas contemporâneas. Não é um trabalho embasado na filosofia anarquista em si, o retorno à busca ocorreu devido à presença do termo no corpo do texto, quando o filósofo tece críticas ao fenômeno do “anarquismo liberal”, que poderia advir na presença de um relativismo exacerbado. Há proximidade nessa crítica com o apontamento de Gallo (2012), já citado, acerca da apropriação das ideias anarquistas pelo capitalismo, transformando sua potencialidade libertária em empecilho à liberdade. Mesmo não demarcando posição no âmbito anarquista, a riqueza do texto e sua proximidade com ideais libertários pode ser percebida, como pelo seguinte trecho contido em Japiassu (2006, p. 39):

[...] não devemos fazer concessão ao Saber. Seria fazer concessão à Liberdade. E fazer concessão à liberdade é agir conforme o desejo dos outros. Se assim procedemos, nos alienamos, obedecendo à sua lei.

Dentre os artigos encontrados na busca pelo termo “libertári*”, com exceção do artigo de Barchi (2009), não há posicionamento explícito no campo anarquista. O texto de Barchi (2009) é um ensaio teórico no qual o autor defende o intercâmbio entre a Educação Ambiental e a educação libertária, sendo esta tratada claramente como a educação embasada na filosofia anarquista. Faz conexões também com Paulo Freire, apontando a potencialidade libertária das ideias educacionais do autor.

O artigo de Araújo e Pasquarelli Júnior (2007) relata uma investigação sobre teatro e Educação Ambiental, com momentos de pesquisa bibliográfica e outros com o desenvolvimento de uma pesquisa-ação. Suas considerações estão na interface do teatro com a Educação Ambiental, e não explicita posicionamento no anarquismo, e o termo “pedagogia libertária” é utilizado de forma mais abrangente, com base em autores de diferentes matrizes teóricas.

Grün (2007) tem o objetivo de traçar um panorama da pesquisa em ética ambiental, e o faz de maneira magistral. Em sua construção de ideias, considera a ética ambiental da Ecologia Social, considerando o anarquismo de Murray Bookchin e sua relevância para pensar a ética ambiental. Finaliza em defesa de uma ética ambiental que sustente uma práxis transformadora. A palavra “libertário” aparece no corpo do texto ao mencionar o “comunitarismo libertário”, em associação com Kropotkin e Bookchin, ou seja, o ensaio traz considerações sobre a interface da temática da Educação Ambiental e da filosofia anarquista, apesar de não utilizar este termo.

O artigo de Loureiro (2008) traz uma discussão pautada no Grupo de Discussão de Pesquisa “Educação Ambiental e Movimentos Sociais”, desenvolvido no IV Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, evento de abrangência nacional e, em certa medida, internacional de grande relevância para esse campo de pesquisa. São feitas considerações tanto teóricas quanto metodológicas sobre a interface explorada entre os movimentos sociais e a Educação Ambiental. O termo libertário é utilizado em crítica que o autor coloca para o que chama de “novos movimentos sociais”, os quais, segundo Loureiro (2008), não são, em essência, libertários. Também não são construídas relações explícitas com a filosofia anarquista.

Catalão (2009) apresenta uma pesquisa bibliográfica que investigou as tendências teóricas e metodológicas dos trabalhos publicados no Grupo de Trabalho 22 (Educação Ambiental) da ANPED⁵ no período de 2003 a 2007. O termo “libertária” aparece para qualificar uma produção relativa a este espaço de divulgação científica no ano de 2007, e não vem associado à produção anarquista, apenas a uma “pedagogia crítica”.

Em semelhança, o artigo de Avanzi, Carvalho e Ferraro Jr (2009) apresenta pesquisa bibliográfica acerca da produção científica da Educação Ambiental, partindo do levantamento e análise dos trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho Ambiente, Sociedade e Educação da ANPPAS⁶. O período abrangência da pesquisa foi de dois encontros da associação (2006 e 2008), sendo que o texto dialoga com outra investigação que anteriormente havia analisado a produção dos três encontros da ANPPAS anteriores a 2006. O termo “libertários” ocorre no texto como exemplo em uma crítica à utilização de termos polissêmicos utilizados nos trabalhos analisados sem a devida delimitação pelos autores dos estudos. Assim, trava-se um importante paralelo com as ideias sendo construídas nesse artigo.

⁵ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

⁶ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade.

A publicação de Reigota (2010) traz um breve relato dos caminhos sendo traçados pelo grupo de pesquisa coordenado pelo autor. O embasamento teórico do grupo é afirmado como sendo principalmente na corrente pós-moderna de educação. O termo “libertária” ocorre em citação a trabalho do autor Rodrigo Barchi – pesquisador já citado neste artigo –, pela natureza do embasamento do autor e devido ao fato de ele ter sido orientado por Marcos Reigota.

Também como sistematização dos debates perpetrados em Grupos de Discussão de Pesquisa, agora relacionado ao VI Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (2011), com o Grupo “Educação Ambiental em contextos não-escolares”, Higuchi, Zattoni e Bueno (2012) trazem as contribuições desses debates para o campo em construção. O termo “libertária” aparece como sinônimo para caracterizar a Educação Ambiental Crítica, como segue

[...] a EA [Educação Ambiental] crítica, também chamada de EA transformadora, emancipatória ou libertária, incorpora a discussões sobre degradação ambiental e humana e tem sua origem nos ideais democráticos e emancipatórios do pensamento crítico aplicado à educação (HIGUCHI; ZATTONI; BUENO, 2012, p. 122).

Por sua vez, Souza e Almeida (2013) realizaram uma pesquisa-ação com alunos do Ensino Fundamental de uma escola potiguar. O trabalho traz considerações sobre a educomunicação e a Educação Ambiental, e o termo “libertária” ocorre uma única vez associado às ideias educacionais de Paulo Freire.

Ambos os estudos referentes ao ano de 2015 trazem densas reflexões sobre questões que estão colocadas nas discussões ambientais e educacionais. Castellano e Sorrentino (2015) argumentam sobre a relevância do debate sobre ética e direitos animais conjugados com a Educação Ambiental. Trazem um panorama das construções teóricas e realizaram pesquisa com educadores nacionais acerca de suas considerações sobre essas aproximações. Localizam a abordagem na chamada “educação humanitária”, e também se inspiram nos “estudos críticos animais”, posicionamento que tem aproximações com as considerações de Reclus (2010) já mencionadas. A palavra “libertária” ocorre conectada à noção de educação ambiental crítica, assim como em Higuchi, Zattoni e Bueno (2012). Não são realizadas aproximações explícitas com a filosofia anarquista.

Costa e Loureiro (2015) constroem um ensaio teórico acerca das aproximações e possíveis contribuições de Paulo Freire e Henrique Dussel para a compreensão crítica da realidade latino americana e, concomitantemente, para a pesquisa em educação ambiental em nosso país. O termo “libertári*” ocorre associado às propostas educativas

paulofreireanas, mas a temática da libertação perpassa todo o texto. Não há conexões explícitas com a filosofia anarquista, todavia, os autores demarcam a necessidade de uma apropriação crítico-transformadora das ideias de Freire e Dussel como condição de rigor teórico e busca de superação da sociedade capitalista.

TECENDO A ANARQUIA JUNTO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA

A academia e a construção de seus campos de pesquisa envolve o desenvolvimento de investigações que muitas vezes não se consolidam diretamente em artigos, mas sim em relatórios ou teses e dissertações. Dessa forma, os resultados obtidos e descritos na revisão bibliográfica realizada têm uma representatividade muito parcial da totalidade acadêmica que envolve a educação ambiental. Considerando também que há, ainda, grupos de estudos, projetos de extensão, planos de ensino, dentre outros elementos, que compõem a complexidade do meio acadêmico e que necessitariam, como já mencionado, amplo programa de pesquisa pra ser compreendido em seus movimentos e totalidade. Os apontamentos aqui construídos servirão mais para uma abertura de caminhos e espaços de reflexão do que para fechar ou estabelecer elementos para o entendimento das intersecções aqui abordadas.

A evidência de que a filosofia anarquista tem ocorrência explícita muito baixa quando relacionada à educação ambiental vai ao encontro de o que apontam Gallo (2013) e Accioly e Silva (2011) sobre essa aproximação com a própria área de educação em seu sentido mais amplo. Destarte, o cotidiano nos espaços de pesquisa, somados a estudos anteriores, e à busca aqui apresentada, apontam para o fato de que a filosofia anarquista é pouco explorada em sua potencialidade como embasamento teórico-prático para pesquisas em educação no país. No que concerne à educação ambiental, este dado pode ser utilizado para uma reflexão sobre os caminhos que vêm sendo traçados e possibilidades pouco exploradas para compor a trama de ideias que estão sendo somadas e muitas vezes contrapostas para auxiliar a comunidade científica desta área a pensar as questões colocadas e avançar na produção de um conhecimento que possa gradualmente ir se complexificando na compreensão da realidade.

Diversos estudos vêm buscando categorizar as correntes teóricas que têm embasado a educação ambiental no Brasil e no mundo, como: Layrargues e Lima (2014), Silva e Campina (2011), Sauvé (2005) e Amaral (2004). É recorrente que os autores que traçam essas categorias considerem a existência de o que vem sendo chamada de Educação Ambiental crítica. Esta categoria é ampla e abarca em seu interior diferentes perspectivas,

o que a torna pouco esclarecedora com relação ao embasamento epistemológico adotado. Todavia, o que pode se afirmar é que estudos e práticas localizados na educação ambiental crítica visam, pelo menos no discurso, à transformação da realidade instituída. Desta forma, a filosofia anarquista pode ser representada, e o é, mesmo que implicitamente, dentro da educação ambiental crítica. Advindo deste fato está a explicação da utilização do termo “libertária” colocado quase como sinônimo de “crítica” no trabalho de Higuchi, Zattoni e Bueno (2012) e Catalão (2009) – não se tratando de um equívoco, mas sim de como essas noções têm sido utilizadas de fato na área.

Ademais, princípios anarquistas são compartilhados explicitamente na educação ambiental crítica, como a inseparabilidade entre teoria e ação (SAUVÉ, 2005) e a crítica ao modelo econômico vigente (SILVA; CAMPINA, 2011). Assim, percebe-se que há uma apropriação de elementos do anarquismo na área, mesmo que sublimados de forma dispersa, ou mesmo na forte presença das ideias paulofreireanas no campo da educação ambiental brasileira (OLIVEIRA, 2008).

É notória a distância entre as construções teóricas de Freire (2013; 2007) e da filosofia anarquista, logo de início, a lembrar, do fator da religiosidade presente na obra do educador brasileiro, enquanto o anarquismo repudia e combate quaisquer formas de institucionalização das crenças. Não obstante, é fato que na obra do grande educador pode ser encontrado eminente potencial libertário, e talvez seja hoje uma das epistemologias educacionais que mais contribua para o construir de uma educação libertária.

Assim, o que é condição sine qua non para o avançar na criticidade de uma educação ambiental é o cuidado e rigor de não deixar os princípios de luta social, de contextualização histórica, e combate à dominação se esvaírem em meio à apropriação parcial da teoria de autores como Freire e outros no campo das pedagogias críticas – como também consideram Costa e Loureiro (2015).

Em meio a essa diversidade que compõe a educação ambiental crítica, deve-se somar a filosofia anarquista e seus princípios educacionais, fortalecer o que está sendo colocado ainda inicialmente no campo, seja mesmo em publicações teóricas, mas também no embasamento de pesquisas de campo e práticas educacionais. Inspirando o caminhar na radicalidade ambiental presente nas obras de anarquistas como Reclus (2010) e mesmo explorando mais o potencial da clássica obra de Bookchin (2005), na radicalidade com que pensa a ligação entre as formas de dominação humana em conexão com as formas de dominação da natureza, partindo da ontológica tensão da hierarquia constituída historicamente.

Bookchin (2005, p. 25, tradução nossa) manifesta-se de uma maneira racionalista e atrelada aos saberes das ciências biológicas e sociais, defendendo uma postura de transformação nas relações com o meio natural pautada em saberes e argumentações científicas:

Dizer que os seres humanos são mais avançados do que outras formas de vida simplesmente sugere o fato de que eles são mais complexos, mais diferenciados, ou mais amplamente dotados de certos atributos valoráveis do que outros. Deixe-me enfatizar que esse fato por si só não significa que os seres humanos estabelecem relações hierárquicas com a natureza não-humana. Embora possamos ser um grupo altamente complexo e subjetivo de organismos, somos, na verdade, mais dependentes do fitoplâncton nos mares – organismos muito simples – que nos fornecem grande parte do oxigênio atmosférico, do que eles são dependentes de nós. [...] ⁷.

É nesse sentido que Mariana (2008) aponta a obra do autor, em confluência com as proposições da educação integral/anarquista como o encontro de maior potencial para a emancipação humana na esfera das reflexões ambientais conjugadas às educacionais – uma vez que, nesse encontro, a crítica da divisão social do trabalho é colocada no centro do pensar e agir sobre as questões socioambientais.

POLIFONIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL LIBERTÁRIA

Sem conjugar-se ao elogio ao irracionalismo, é preciso fazer a crítica à razão instrumental e buscar a pluralidade de vozes que estão compondo a compreensão das questões ambientais no momento presente, despidendo-se de quaisquer ambições de unicidade na elucubração de um futuro que possa ser previsto com certa fidedignidade. O princípio da incerteza está fortemente presente na atualidade, cabe compor mais vozes às lutas e não realizar o que as camadas sociais historicamente privilegiadas fazem: usurpar a política da coletividade e falar em nome do mundo. O campo de pesquisas e práticas está em construção, avançando no dissenso e na busca de se fortalecer mais na prática da liberdade.

A educação ambiental configura-se como esperança ao fortalecimento de uma contracorrente à educação instrumental, pois tem em sua mais basal identidade a necessária transdisciplinaridade que exige movimento oposto a uma formação utilitária e

⁷ To say that human beings are more advanced than other life-forms simply connotes the fact that they are more complex, more differentiate, or more fully endowed with certain valuable attributes than others. Let me emphasize that this fact does not in itself mean that humans establish hierarchical relationships with nonhuman nature. Although we may be a highly complex and subjective group of organisms, we are actually more dependent on the phytoplankton in the seas – very simple organisms – that provide us with much of or atmospheric oxygen, than they are dependent on us. [...]

individualizante. É preciso fortalecer a lógica coletivizante e dialógica. Para compor uma educação libertária hoje, é necessário que as artes, a literatura e outros campos da manifestação humana componham a educação desde a base. Os artistas têm uma visão de natureza mais integrada e constitutiva da sociedade humana, e estar acompanhado da arte na formação ambiental é fortalecê-la com vistas à liberdade.

Para um toque de sensibilidade, compõe essas reflexões um poema de Dora Ferreira da Silva (1995, p. 68) no qual a grande poetisa brasileira miscigena natureza e aprendizado. A leitura apressada deve ser desacelerada. Respire.

NOITE EM ITATIAIA

O canto excede o pássaro
e se distende
sopro
Sibilando mais do que o saber sabe.
O silêncio (quando pausa)
ao distraído censura
não ver o muito do nada.

Sol posto.
A sinfonia adentra-se na mata.

No escuro da noite
faço de meu peito um ninho de aconchego
e canto de mim para comigo (sem que o ar se mova)
mais um dia de aprendizado

É preciso que as fronteiras disciplinares sejam borradas, e que a vida, em sua poesia e beleza, e os conhecimentos científicos mais atuais adentrem as escolas e superem esse atraso secular que permeia os currículos. Da literatura à astrofísica é possível repensar e reconstruir o modo de ver o mundo, como destacado do belíssimo diálogo sobre a composição da matéria entre os cientistas Audouze, Cassé e Carrière (1998, p.21):

Sim. Nós somos os filhos das estrelas. Essa é hoje a nossa afirmação mais importante. Nosso olho é feito da mesma matéria que constitui o Sol. Ele foi formado pelo Sol e é por isso que nós podemos ver. Entre o olho e o Sol o contato é constante, íntimo. São dois iguais que falam entre si. O átomo da estrela fala com o átomo do nosso olho na linguagem da luz.

Para tornar possível a entrada desse tipo de conhecimento na escola, da interligação de tudo que existe, é preciso que a educação que está aí, instrumental ao máximo, como destaca Brandão na passagem citada na abertura deste texto, seja superada. Há em curso

hoje ataques violentíssimos à formação humana se consolidando no país via um empobrecimento (maior ainda) dos currículos da escola pública.

Propostas como a de não haver ensino de História e Geografia no Ensino Fundamental, visando haver maior enfoque no ensino de Língua Portuguesa e Matemática, é a instrumentalização ao máximo da educação. Toda reforma curricular que empobreça o conhecimento deve ser combatida e denunciada como um roubo do direito das pessoas a conhecerem o mundo em que vivem. Toda concepção libertária de educação recusa reformas curriculares que tiram o direito de todos a terem acesso ao conhecimento. Os autores com os quais este texto dialoga querem ampliar o acesso de todos ao conhecimento na sua maior completude. As pessoas têm direito de saber a história de seu mundo, seu país, conhecer seus espaços de vida, suas paisagens, saber ler e escrever plenamente (e não apenas memorizar categorias gramaticais mecanicamente), e perceber-se criticamente no mundo, como um sujeito de vida.

Os anarquistas ensinaram que se deve romper com as relações hierárquicas na escola, romper com o império da burocracia. O professor deve partilhar o saber com os alunos, e na educação ambiental pode-se encontrar uma fonte múltipla para o diverso. Nela pode-se sorver a água pura da multidiversidade da vida e das culturas humanas. As obras aqui escolhidas conversam amplamente umas com as outras a despeito de suas distinções. Elas convergem para a necessidade premente de um olhar abrangente, compreensivo, poliocular para aquilo que nós ainda consideramos como algo exterior a nós, que é a natureza.

É nesse sentido que uma educação ambiental libertária pode ser construída e somar às forças socializantes e humanizadoras que tornam a vida mais plena. Nós somos os filhos das estrelas. Mais um dia de aprendizado.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY E SILVA, Doris. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. **Educação & Sociedade**, Campinas-SP, v. 32, n. 114, 2011.

AMARAL, Ivan Amorosino. Programas e ações de formação docente em educação ambiental. In: TAGLIEBER, José Erno; GUERRA, Antonio Fernando Silveira (Org.). **Pesquisa em educação ambiental: pensamentos e reflexões de pesquisadores em educação ambiental**. Pelotas: Universitária/Ed. UFPel, 2004.

ARAÚJO, Alexandre Falcão; PASQUARELLI JÚNIOR, Vital. Teatro e educação ambiental: um estudo sobre ambiente, expressão estética e emancipação. **Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 18, n. 1, 2007.

- AUDOUZE, Jean; CASSÉ, Michel, CARRIÈRE, Jean-Claude. **Conversas sobre o invisível**: especulações sobre o universo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- AVANZI, Maria Rita; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; FERRARO JR, Luiz Antonio. Um olhar para a produção de pesquisa em educação ambiental a partir do GT Ambiente, Sociedade e Educação da ANPPAS. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 4, n. 2, 2009.
- BARCHI, Rodrigo. Uma educação ambiental libertária. **Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental**, Rio Grande-RS, v. 22, n. 1, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BOOKCHIN, Murray. **The ecology of freedom**: the emergence and dissolution of hierarchy. Oakland: AK Press, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A canção das sete cores**: educando para a paz. São Paulo: Contexto, 2005.
- CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CASTELLANO, Maria; SORRENTINO, Marcos. Devemos aproximar questões sobre ética e direitos animais à educação ambiental? O que pensam educadores ambientais brasileiros sobre esse tema. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 10, n. 1, 2015.
- CATALÃO, Vera Lessa. Cenário Temático da pesquisa em educação ambiental no contexto da ANPED. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 4, n. 2, 2009.
- COETZEE, John Maxwell. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COSTA, César Augusto Soares da; LOUREIRO, Carlos Frederico. Interculturalidade, exclusão e libertação em Paulo Freire: aproximações crítico-metodológicas para a pesquisa em educação ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 10, n. 1, 2015.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- GALLO, Sílvio. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-Posições**, Campinas-SP, v. 24, n. 2, 2013.
- GALLO, Sílvio. Anarquismo e educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. **Política & Trabalho**, João Pessoa-PB, v. 36, n.1, 2012.
- GRÜN, Mauro. A pesquisa em ética na educação ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 2, n. 1, 2007.
- HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; ZATTONI, Michelle; BUENO, Fernando Protti. Educação ambiental em contextos não-escolares: definindo, problematizando e exemplificando. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 7, n. 2, 2012.

- JAPIASSU, Hilton. A crise da razão no ocidente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 1, n. 1, 2006.
- KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch. **O princípio anarquista e outros ensaios**. Tradução e organização de Plínio A. Coêlho. São Paulo: Hedra, 2007.
- KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. Tradução Waldyr Azevedo JR. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.
- LAYRARGUES, Phillippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macro tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo-SP, v. 17, n. 1, 2014.
- LENOIR, Hugues. A educação libertária. **Educação Libertária**, São Paulo/Rio de Janeiro, n. 2, 2014.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação ambiental e movimentos sociais: reflexões e questões levantadas no GDP. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 3, n. 1, 2008.
- MARIANA, Fernando Bomfim. **Educação e ecologia: práticas de autonomia social ou renovados discursos do poder do capital transnacional?** Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2008.
- OLIVEIRA, Haydée Torres de. Popular education and environmental education in Latin America: converging paths and aspirations. In: GONZÁLEZ-GAUDIANO, Edgar; PETERS, Michael A. (Eds.) **Environmental Education: identity, politics and citizenship**. Rotterdam, The Netherlands: Sense Publishers, 2008.
- RECLUS, Jean Jacques Élisée. **A anarquia e os animais**. Tradução e diagramação de Ateneu Diego Giménez. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.
- SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. (Org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SILVA, Dora Ferreira da. **Poemas da estrangeira**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995.
- SILVA, Rosana Louro Ferreira da; CAMPINA, Nilva Nunes. Concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares: contribuições de uma tipologia. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 6, n. 1, 2011.
- SOUZA, Jucicleide Gomes da Silva; ALMEIDA, Elineí Araújo de. Educomunicação ambiental: comparando ações realizadas no espaço escolar e no percurso de aula-passeio em uma unidade de conservação costeira. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto-SP, v. 8, n. 1, 2013.
- TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. In: TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; BEZZON, Lara Crivelaro. **A Cultura e o Ecossistema: reflexões a partir de um diálogo**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2006.

Submetido em: 06-05-2016.

Publicado em: 07-12-2016.